

O NEGRO COMO SÍMBOLO DE LIBERTAÇÃO EM ÚRSULA: UM OLHAR PARA TÚLIO E PRETA SUZANA COMO SUJEITOS DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Cecília Sousa da Silva¹
aceciliassousaa@gmail.com

RESUMO: *A pesquisa aqui delineada tem como tema “O negro como símbolo de libertação na obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis”, diante da qual inquietou-nos compreender como o negro é representado na obra: como sujeito ou objeto da/na literatura. Desse modo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo embasado nos estudos de teóricos que abordam sobre a representação do negro na Literatura Brasileira, bem como daqueles que tratam das concepções de diáspora. Assim, Paula (2011), Guimarães (1976), Nascimento (2009), Duarte (2009), Santos (2016), Walter (2009) entre outros foram fundamentais para o embasamento deste estudo. Diante das análises pode-se constatar que Maria Firmina dos Reis inaugura a inserção do negro como sujeito que narra sua própria história e não apenas como sujeito utilizado como personagem nas narrativas brancas. Nesse sentido, as personagens Túlio e Preta Suzana representam negros que não silenciaram diante as mazelas impostas a eles pela escravização, simbolizando, assim, um ideal de liberdade tanto físicas quanto intelectuais, pois ambos dão voz ao homem negro ao questionarem as condições subumanas a que são submetidos, bem como questionam o próprio processo de escravização.*

Palavras Chaves: *Úrsula; Negro; Sujeito; Libertação; Literatura.*

ABSTRACT: *This research has as theme “The Negro as a symbol of liberty in the novel “Úrsula”, by Maria Firmina dos Reis’, which we try to understand how the Negro is represented in the work: as a subject or object of or in literature. In order to achieve the aims one developed a qualitative bibliographic research based on the studies of theorists who approach the representation of blacks in Brazilian Literature, as well as those dealing with diaspora conceptions. Thus, Paula (2011), Guimarães (1976), Nascimento (2009), Duarte (2009), Santos (2016), Walter (2009), among others. In view of the analyzes, it can inferred that Maria Firmina dos Reis introduces the Negro as a subject who tells her/his own story and not just as a subject used as a character in white narratives. In this sense, the characters*

¹ Licenciada em Letras Português/inglês pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo - IESM.

Túlio and Creole Suzana represent blacks, who did not remain silent in the face of the evils imposed on them by enslavement. Thus, symbolizing an ideal of physical and intellectual freedom, as both Túlio and Mother Suzana give voice to the black people when questioning the subhuman conditions they lived in, as well as questioning the enslavement process itself.

Keywords: *Úrsula; Negro; Subject; Freedom; Literature.*

INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos séculos o negro foi apresentado, em obras literárias, apenas como objeto da escrita do branco. Isso proporcionou a criação de uma extensa literatura que não apresenta a perspectiva do negro em relação a si e, sobretudo, em relação a sua escravização. É somente em 1959, com a publicação de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que o negro, mesmo que timidamente, ganhou voz e passou a ser sujeito na Literatura Brasileira.

É nessa perspectiva que esta pesquisa tem como questão problema: Como o negro é representado como símbolo de libertação em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis? Na tentativa de responder a tal inquietação traçamos como objetivo geral: Compreender a representação do negro como símbolo de libertação em *Úrsula*. E, mais especificamente: Identificar o negro como sujeito na obra *Úrsula*; reconhecer aspectos da diáspora presentes na obra; avaliar a importância das personagens Túlio e Preta Suzana como representações de negros sujeitos da narrativa.

A divisão por tópicos realizada surge da necessidade de abranger todos os objetivos desta pesquisa a fim de construir uma análise coerente com a obra, o fator social e a sua importância representativa na literatura brasileira. O primeiro tópico teórico é destinado a identificação dos personagens principais para a pesquisa como sujeitos da narrativa, ou seja, como participantes ativos, enunciadores de suas vivências e o que caracteriza esses personagens como fuga dos moldes estereotipados de personagens negros. Em seguida, destacamos o apagamento histórico sofrido pela obra e autora, frisando então o fator social e todos os aspectos que ocasionaram tal apagamento de autoria negra e feminina da literatura oitocentista.

O silenciamento de Maria Firmina dos Reis é um motivador importante para a pesquisa em geral, a busca pelo reconhecimento e mais visibilidade para a escritora maranhense deve ser contínua no meio acadêmico. Realizamos também uma análise da caracterização dos personagens negros dentro da obra.

Posteriormente é feita a explanação da relação entre a ideologia de liberdade com a obra *Úrsula* e a análise pelas perspectivas ideias de liberdade construídas pelos personagens Túlio e Preta Suzana. Por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Para tanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica para fundamentar a análise da obra literária. Nos valem os estudos de teóricos que tratam acerca da concepção de negro como objeto e como sujeito na Literatura Brasileira, bem como das concepções daqueles que tratam acerca da diáspora e ainda, os que analisam a obra de Maria Firmina dos Reis como pioneira no tratar das ideologias do negro, tratando-o como sujeito da própria história e não como mero objeto de escrita branca.

Na busca de referencial, para a análise das personagens e a representatividade dentro da narrativa, fizemos comparações com personagens negros de outras obras literárias, desta forma distinguimos os personagens que são definidos enquanto objetos e como se diferenciam dos personagens enquanto sujeitos.

Desse modo foi de valiosa contribuição para a fundamentação da pesquisa os estudos de Paula (2011), Guimarães (1976), Nascimento (2009), Duarte (2009), Santos (2016), dentre outros estudiosos e críticos que avaliam a literatura considerando uma discussão de fatores como raça, identidade de gênero e o contexto sociopolítico.

O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: OBJETO OU SUJEITO

As personagens negras, presentes na Literatura brasileira, podem ser analisadas em dois momentos distintos: do início da literatura até meados do século XIX, quando o negro era apresentado na perspectiva do homem branco e, portanto, era apenas objeto para a Literatura, e após o século XIX, quando o homem negro passa a ter voz e, conseqüentemente, torna-se sujeito da narrativa que conta sua história. É sobre a presença do negro na Literatura brasileira que trata esse tópico.

Conforme afirma Paula (2011, p.2) “as formas de ser, viver e conviver dos imigrantes de diversas nações africanas nunca foram encaradas como diversas, múltiplas e diferentes” tais preconceitos e julgamentos de valores impostos pela supremacia branca europeia acarretou na exclusão da população negra da literatura, seja como escritor, capaz de produzir uma literatura única e com identidade própria, seja como personagem, livre de uma visão racista e estereotipada.

São muitos os estereótipos de negros presentes na literatura brasileira oitocentista, aqueles caracterizados como gratos aos seus senhores, desprovidos de inteligência, hipersexualizados, inocentes em demasia, exóticos e etc. Estes fazem parte da concepção do personagem negro enquanto objeto na narrativa. Sobre o negro enquanto objeto e a visão distanciada na narrativa, Filho (2004) conceitua que

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências

do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. (FILHO, 2004, p.161).

Este personagem em lugar de objeto é modelado pelo escritor sem muito vínculo com a realidade e/ou estudo de vivências, a pluralidade do africano em diáspora era forçosamente apagada pela desumanização de sua posição enquanto escravizado. Algumas obras tentam aproximar ao máximo o personagem negro do comportamento/estética do branco como uma forma de “passabilidade” e reconhecimento deste personagem, como é o caso da personagem principal da obra *A escrava Isaura* (1875) onde podemos observar esse processo no seguinte trecho da obra

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...] (GUIMARÃES, 1976, p.13).

A base para a construção de tantos estereótipos sobre a população africana sequestrada de sua nação vem do silenciamento de sua história, diversidade e cultura. A literatura foi configurada paralelamente aos constructos sociais de que o afrodescendente não teria participação ativa e significativa, visto que foi destinado a ser escravizado e ao europeu a condição de livre/pertencente. Portanto, a produção literária de um afrodescendente não seria válida por ir contra estes constructos, afirma Paula (2011) em *Elementos para pensar a literatura afro-brasileira*.

Com essa exclusão da população afrodescendente da literatura brasileira, a caracterização dos personagens negros e em margens, ficou sob a perspectiva dos escritores majoritariamente brancos de classe média a alta. Sendo assim a popularização desses moldes fundamentados no racismo e na exploração do africano foram se destacando e fortalecendo os estereótipos para os negros literários em obras como “O cortiço” e “O Mulato” de Aluísio Azevedo, “Bom-Crioulo” de Adolfo Caminha, entre outros. Ainda que para a ficção literária os escritores utilizem a realidade social brasileira como cenário de suas obras, o uso de clichês para com os personagens não brancos faz com que sua participação seja objetificada e sem discursividade histórica social.

Para Nascimento (2009) a identidade cultural dos personagens precisa partir de suas experiências e de suas individualidades formando assim um personagem relevante para a estória. Compreendemos então a concepção do personagem negro que é sujeito, aquele que faz a sua participação na narrativa e que possui uma voz ativa, considerando que esta voz seja voltada para a sua realidade, a sua particularidade e sua subjetividade.

Continuando o pensamento de que a literatura usa a realidade para a construção de uma obra, podemos expor por assim que o personagem negro na vez de sujeito conta por si a sua trajetória e descreve a si mesmo sem os moldes constituídos pelo seu opressor. O sujeito não é apenas secundário e/ou figurante da narrativa, o sujeito leva em sua versão o discurso que enquanto objeto seria incapaz de narrar pela falta de profundidade que os estereótipos representam.

Conforme Nascimento (2009) no romance *Úrsula*, o escravizado ganha voz, se torna pleno e visível, identificado mais à africanidade e suas características coletivas e ancestrais que à condição de mercadoria ou objeto. A análise que se segue por este artigo será realizada nos personagens africanos pelo conceito de sujeitos na obra de Firmina, sendo eles Túlio, Antero e Suzana.

Tais personagens, apresentados e eternizados na literatura por Maria Firmina dos Reis, possuem uma notoriedade para o enredo do romance e conseguem representar a parte da história que foi excluída de diferentes formas. Os personagens contam em diálogos de forma substancial as suas trajetórias, individualidades, e visões sobre o que compreendem de liberdade. Existe na trama uma descrição de vivências anteriores a escravidão que é capaz de ilustrar a vida do(a) africano(a) em seu continente de origem, o que marca e define mais uma vez os seus personagens em função de sujeitos.

De acordo com Santos (2016, p.186) “ao denunciar a barbárie da escravidão no Maranhão do século XIX, Maria Firmina dos Reis transmite para o leitor daquela época e, principalmente para os racistas brasileiros contemporâneos, uma verdade incontestável: Não sou descendente de escravos, sou descendente de seres humanos que foram escravizados”. Ao dar voz a Susana, Antero e Túlio, Maria Firmina representou vivências, dores e saberes, não apenas narrativos, mas de uma realidade pouco explorada no universo literário.

Sobre a discursividade e a denúncia em forma de literatura, Duarte (2009) afirma que

É o discurso do outro fazendo ouvir pela primeira vez na literatura brasileira, a voz diaspórica dos escravizados. Voz política que denuncia, em plena vigência do espírito das luzes, o conquistador europeu como bárbaro, invertendo de forma inédita a acusação racista – corrente na Europa e presente no pensamento de filósofos do porte de Hegel – que excluía a África do mundo civilizado. O romance prossegue com o verismo da descrição sobrepujando-se à ficção propriamente dita. (DUARTE, 2009, n.p).

A escrita na literatura por afrodescendentes, por vezes poderia se tornar uma ferramenta pela qual poderiam realizar as suas denúncias, voltadas para a sua opressão e seus opressores, com isso a imagem literária criada para enaltecer o homem branco como herói seria posta em questionamento.

O pesquisador pontua ainda outro fator a ser considerado que é a sobreposição da ideologia abolicionista presente na obra em relação aos aspectos específicos da escola literária “Romantismo”. Seja por meio da narração observadora, ou pelas vozes de seus personagens, este discurso está presente na obra de Maria Firmina, sendo então outro aspecto que transpassa a intencionalidade ideológica que a escritora queria representar e que fosse considerada pelo seu leitor.

Ao discutirmos a intencionalidade da escrita, a construção não estereotipada dos personagens, voz e participação ativa do negro em diáspora dentro de uma obra, concebemos unicamente a sua possibilidade enquanto sujeito na literatura brasileira, visto que todos os fatores citados se tornam inviáveis na escrita de um personagem negro objetificado/coisificado.

Contudo, a obra de Maria Firmina dos Reis esteve, durante muitos séculos, à margem da literatura brasileira, pois não se inseriu no cânone. Acerca desse “apagamento” é que trata o tópico a seguir.

APAGAMENTO HISTÓRICO DA OBRA ÚRSULA

O contexto social histórico em que Maria Firmina dos Reis (1825-1917) viveu não colaborou para a visibilidade e publicação de sua obra. Sendo uma mulher negra escritora, para além de enfrentar o racismo de sua época, o patriarcado também contribuiu para que seu livro não viesse a ter maior reconhecimento público.

Em *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*, Duarte (2009) pontua que

Como era comum numa época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, Maria Firmina dos Reis omite seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto de *Úrsula*, ali consignando apenas o pseudônimo “uma maranhense” ... Desta forma, a ausência do nome, aliada à indicação da autoria feminina e, ainda, a procedência da distante província nordestina(...). (DUARTE 2009, n.p).

Duarte (2009) a escritora ainda faz uma introdução ao seu livro de forma cautelosa quando o introduz em seu prólogo como “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento” (REIS, 2018, p.12), admitindo também a sua necessidade de publicá-lo. *Úrsula* foi publicado inicialmente em 1859 para logo após sofrer um silenciamento de mais de um século.

Ainda sob a afirmação de Paula (2011) sobre a desvalorização das obras produzidas por afrodescendentes (de pele preta), por ela ir contra a lógica social e colocando em risco o modelo de relações raciais, o apagamento sofrido por Úrsula seria justificado na exclusão das obras por pessoas negras por aquelas que em posição de responsáveis pela menção de obras e estudos não tiveram este olhar para o livro de Maria Firmina dos Reis.

De acordo com Duarte (2009), Sílvio Romero e José Veríssimo a ignoram e os demais expoentes de nossa historiografia literária fazem o mesmo. O romance está ausente das páginas de Antônio Candido, Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré e Alfredo Bosi, entre outros. Com uma discursividade abolicionista representando o negro e a mulher em uma época hostil para ambos, compreendemos então as dificuldades enfrentadas por Firmina não só como escritora, mas como também estudiosa e ativista.

Maria Firmina dos Reis apresentou Úrsula pelo jornal A Imprensa em 1860 da seguinte forma

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser estreia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas de seu talento (REIS, 2018, p.7).

Mas apenas em 1975 a partir de uma edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida, Úrsula veio a conhecimento de estudiosos (Duarte, 2009, n.p).

Defronte aos fatos e acontecimentos que culminaram no apagamento histórico de Maria Firmina dos Reis em vida, compartilhamos da instiga de Pereira (2018) onde fala que o desafio é pensar como uma escritora tão emblemática continua à margem da tradição literária, mesmo tendo continuamente oferecido “provas de seu talento” ao confrontar em pleno século XIX, os limites do etnocentrismo escravocrata além de problematizar o lugar da mulher e do negro.

O NEGRO COMO SUJEITO EM ÚRSULA

A estreia de Úrsula, na literatura brasileira, marca um passo para uma nova representação de figuras hostilizadas pelas diferentes opressões sociais, como por exemplo, o negro escravizado e a mulher. Considerada a primeira obra de Romance escrita por uma mulher no Brasil, Úrsula é uma narrativa romanesca que apresenta suas características específicas de um romance junto a denúncias ao mundo escravocrata e patriarcal.

Logo em suas primeiras páginas é apresentado ao leitor o personagem mais nobre e íntegro do romance, como é descrito pela autora, Túlio. Trabalhando seus personagens enquanto sujeitos, Maria Firmina deu vez para que os personagens tivessem funções importantes para a narrativa, sendo assim, os mocinhos da estória, Tancredo e Úrsula, são apresentados quando Túlio salva a vida de Tancredo e o leva para a casa de suas senhoras. Esse encontro se torna o princípio de uma trágica história de amor.

Úrsula representa a figura da mulher para a sociedade oitocentista. Mais de uma tragédia marca a sua vida, logo cedo perdera seu pai e ainda na metade da narrativa perde também a sua mãe. As questões que circulam a personagem são significativas na obra, a personagem exhibe delicadeza, crença cristã e entregue ao amor de Tancredo. Os maus tratos que Úrsula sofre por seu próprio tio, Comendador P, quem jura estar apaixonado pela garota e quem assume a posição de vilão da estória, podem ser uma reflexão sobre o lugar da mulher na sociedade patriarcal.

Esta reflexão estaria presente quando os desejos e as vontades de Úrsula são repreendidas pela figura que acredita ter posse de sua pessoa e desconsidera todas as recusas de propostas de casamento que foram feitas. O mesmo personagem que desenvolve as ações citadas anteriormente, como aponta a narrativa, já havia sido o carrasco também da pobre mãe de Úrsula, quando proibiu seu casamento e assassinou anos depois seu marido. Confirmando mais uma vez a forma abusiva e desrespeitosa como Comendador P tratava as mulheres, sendo esse um paralelo para o lugar em que a sociedade queria colocar a mulher, a de abuso e opressão pelo homem.

O romance protagonizado por Tancredo e Úrsula foi breve, visto que por consequência da obsessão de seu tio, os amantes foram caçados e Tancredo assassinado em frente à sua amada. Entre o começo dessa história de amor e seu lamentável fim, temos capítulos e diálogos protagonizados por seus personagens negros/africanos(as) que realizam ainda mais denúncias sociais, exibem suas perspectivas subjetivas de vivências enquanto escravizados e/ou livres e as ações que estes realizaram com ligações ou não ao romance de Tancredo e Úrsula.

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão? E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2018, p.18).

Conforme mencionado inicialmente, Túlio foi o primeiro personagem a ser caracterizado como afrodescendente em condição de escravizado. Os vários adjetivos positivos para descrever a personagem e suas atitudes já o distanciam neste enredo das produções literárias que coisificam seus personagens em mesma condição, por esta ser uma fuga dos estereótipos do negro maldoso, ardiloso ou mau caráter.

Em Úrsula, há uma desconstrução dessa ideologia do negro como coisa ou um ser animalizado, que estava sempre em busca de vingança. Maria Firmina lança uma nova percepção sobre o negro ao apresentá-lo como ser humano dotado de sentimentos, conforme Santos (2018). Juntamente ao apagamento de uma dignidade e humanidade do personagem negro, podemos concluir também diante disso o apagamento de seu sentimentalismo, a sua vulnerabilidade de demonstrar e falar sobre o que sente.

A narração da terceira pessoa como em um narrador onisciente, além das próprias ações narradas, há também uma confirmação pelo narrador sobre o que o personagem africano está sentindo e a validação de suas ações como nobres e doloridas. Como podemos analisar neste trecho da obra

Reunindo todas as suas forças, o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto, e deixando-o por um momento, correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade colocando-lhe a cabeça sobre seus joelhos. Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admirável, tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava. (REIS, 2018, p.19).

E assim, a obra segue representando de forma coerente a intenção das ações dos seus personagens africanos e a honestidade dos mesmos atos, como pontua Nascimento (2009) sobre a forma com que os negros se manifestam na narrativa: contextualizados em universo cujas características coloniais predominam, onde há a existência de senhores patriarcais e escravocratas, e, ainda assim, eles (os negros) perspectivam suas ideologias de acordo com a africanidade, com sua descendência.

Além de Túlio, Maria Firmina também traz a sua obra mais dois personagens negros, Preta Suzana e Antero, ambos são africanos em diáspora, ou seja, foram sequestrados do continente africano para serem escravizados no Brasil. Preta Suzana e Antero, de forma distinta, mas ainda seguindo a construção do personagem negro enquanto sujeito da narrativa, apresentam características e sentimentos que fazem referências as suas respectivas ancestralidades e para as vidas que levavam antes da escravidão.

O trecho a seguir arca a descrição da personagem Preta Suzana

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que... Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs. (REIS, 2018, p.67).

A primeira linha adjetiva o caráter da segunda personagem negra apresentada na obra, preocupação essa em sempre qualificar seus personagens principais segue por todo o livro. Em seguida, existe a explanação do tipo de relação que Preta Suzana tem com Túlio, sendo ela a única mulher no coração do afrodescendente por ter o acolhido como um filho após a escravidão lhe fazer órfão.

Seguindo as descrições para Preta Suzana, encontramos mais uma quebra do padrão estereotipado para as mulheres negras em narrativas. Mais comumente sexualizada, a mulher negra seria descrita com um padrão de corpo exótico e desejável para o homem que a objetifica e acredita que detém de algum direito sobre o seu corpo.

Sobre a entrada de Preta Suzana na narrativa, Duarte aponta que

Além de reforçar a própria condição afro-descendente do texto, a entrada em cena da velha africana confere maior densidade ao sentido político do mesmo. Mais uma vez, o território de origem é mencionado sem rodeios, ao contrário do que se vê em outros escritos do século XIX, inclusive assinados por afro-brasileiros. Sobressai, então, a condição diaspórica vivida pelos personagens arrancados de suas terras e famílias para cumprir no exílio a prisão representada pelo trabalho forçado. (DUARTE, 2009, n.p).

A condição diaspórica a qual o pesquisador refere-se é entendida na obra não só como o processo brutal que foi a captura dos africanos para o Brasil, mas também uma condição saudosa e dolorida pelo que se deixou para trás e aquilo que não existe como possibilidade de regresso. Preta Suzana fala de sua vida na África, sobre o que possuía e como passava seus dias.

Já o terceiro personagem em destaque da obra é apresentado em momento crucial para o romance de Tancredo e Úrsula, Pai Antero é ordenado a vigiar Túlio que fora capturado por Comendador P enquanto estava na missão de avisar Tancredo que o Comendador estava em seu encalço para matá-lo.

Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas. Em presença dos dois homens de má catadura e feições horrendas, ele mostrou-se rígido, e atirou com o prisioneiro para um quarto úmido e nauseabundo, e mostrou interessar-se vivamente em cumprir as ordens, que recebera. Depois colocou-se à porta, qual fiel cão de fila a quem o dono deixou de guarda à sua propriedade ameaçada por ladrões. (REIS, 2018, p.120).

Ainda que Antero estivesse cumprindo ordens de seu senhor e colocado como “no time do vilão” a narrativa que se segue não demonstra uma concordância com o que está sendo feito pelo Comendador P por Antero. Diferente dos dois personagens anteriores, Antero se encontra em condições piores de escravidão, visto que seu dono é descrito por algumas vezes na obra como embrutecido e desumano com seus escravizados.

Ao contrário de querer por vontade e escolha obedecer a seu dono, Antero demonstra sua tristeza para com o destino de Túlio: “— Coitado! – dizia ele lá consigo – Sua pobre mãe acabou sob os tratos de meu senhor!... E ele, sabe Deus que sorte o aguarda. Pobre Túlio!...”.

Ainda conforme Duarte (2009) sobre os personagens negros da obra *Úrsula*

Surge então a figura decrépita de Pai Antero, sujeito de bom coração, mas dominado pelo alcoolismo. Saudoso dos costumes de sua terra e do “vinho de palmeira” bebido no ritual africano do descanso semanal – que Maria Firmina nomeia “festa do fetiche” –, Antero cumpre na trama o contraponto dramático ao caráter elevado de Túlio. Além disso, ao ressaltar o vício do personagem, o texto escapa à idealização pela qual todo negro seria perfeito e todo branco ruim. (DUARTE, 2009, n.p).

Assim como Preta Suzana, Antero faz referência a sua terra e aos seus costumes de forma nostálgica. Lembrando-se de aspectos vividos e concebidos em liberdade, fazendo então uma relação com sua ancestralidade. Como aborda o autor, apesar de Firmina explicitar que Antero não se trata de um personagem ruim ou mau caráter, existe uma pluralidade na criação dos personagens da escritora que não permite a narrativa cair em um padrão entre seus personagens negros, eles são distintos um dos outros, em personalidade e em vivências.

E são estes os aspectos que se destacam e consumam a quebra de moldes na representação do negro na literatura oitocentista. A diversidade, a história e a perspectiva dos personagens africanos(as) são enunciadas por uma voz negra e isso faz com que a discursividade vá além do óbvio e do que o opressor quer dizer de seu oprimido. A escrita em *Úrsula* faz marcações até mesmo cronológicas sobre uma parte da história que não queriam representar, quando Maria Firmina escreve sobre África, os navios negreiros e a escravidão no Brasil.

TÚLIO E PRETA SUZANA: A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA DE LIBERDADE EM ÚRSULA

O primeiro personagem na trama a citar as ideias de liberdade teve um desenvolvimento no enredo da história mais demorado e discutido, sendo este personagem o Túlio. Este personagem é quem salva o herói branco da história e assim se torna também um herói dentro da narrativa.

Sobre o encontro de Túlio e Tancredo, Duarte afirma que

O primeiro capítulo objetiva apresentar os dois personagens masculinos que irão encarnar a positividade moral do texto: um branco e um negro. Assim eles entram em cena, primeiro Tancredo; depois, Túlio. Entretanto, ao utilizar-se do artifício do acidente, a autora faz com que o segundo tome a frente do primeiro e cresça enquanto personagem. Já de início, o leitor passa a conhecê-lo em suas virtudes, enquanto do outro sabe apenas do atordoamento mental que provoca sua queda. Há mais: ao despertar do desmaio, Tancredo depara-se com o negro à sua frente e, apesar da febre que já lhe turvava novamente os sentidos, vislumbra no escravo o homem bom que o salvou (DUARTE, 2009, n.p).

Após salvar a vida de Tancredo, Túlio encontra um fiel e grato amigo, uma vez que esta relação quebrava determinados padrões sociais da época que impossibilitavam brancos e negros a se enxergarem em posição de igualdade, percebemos por fim aspectos na construção do personagem Tancredo que representam a mesma ideologia discursiva presente na narração escrita por Maria Firmina, existe uma idealização de parceria entre esses dois personagens que podemos caracterizar como uma ideia de libertação dos moldes sociais impostos no contexto social da época em que a obra fora escrita.

Como podemos confirmar pelos trechos da obra:

— Túlio! – repetiu o cavaleiro, e de novo interrogou: — A tua condição, Túlio? Então o pobre e generoso rapaz, engolindo um suspiro magoado, respondeu com amargura, malgrado seu, mal disfarçada: — A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que... — Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoio em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. (REIS, 2018, p.21).

Mesmo após ficar ciente da condição de Túlio, Tancredo não demonstra desafeto ou repulsa pela figura do escravizado que estava à sua frente, ainda analisando o

diálogo, existe uma defesa de posicionamento enquanto homem branco que o conserva no papel de herói romanesco conforme a intencionalidade da obra. Como também podemos ver em:

— Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vo-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão. (REIS, 2018, p.22).

A gratidão mostrada pelo escravizado perante o tratamento dado pelo homem branco demonstra uma exaltação deste contato, da tentativa de Tancredo em se colocar como igual e a frente da mentalidade das pessoas em sua mesma posição de privilégio. As cenas seguintes desencadeiam no pagamento da alforria de Túlio como prova da gratidão de Tancredo, culminando assim em mais um passo para a construção do conceito de liberdade para a personagem Túlio.

Ainda sobre o trecho destacado, Nascimento (2009) afirma que Túlio é o personagem que objetiva puramente a liberdade, seus gestos e atitudes buscam livrá-lo do julgo escravocrata, através de seu altruísmo e a partir de sua conduta de escravo, que consciente de sua condição servil e não de sua benevolência em relação aos “brancos” da narrativa, sendo esta uma concordância com a narrativa construída na base de denúncia a escravidão e ao seu sistema.

Para compreendermos o conceito de liberdade representado por Túlio na obra *Úrsula*, consideramos a sua trajetória enquanto afrodescendente, visto que ele nascera já em posição de escravizado, filho de africanos trazidos de seus países para o Brasil. Túlio não conheceu a vida fora da escravidão na África, como os personagens Preta Suzana e Antero. Portanto a sua trajetória de vida ambiciona a alforria e a saída do engenho como forma de liberdade. Seguimos com os trechos da obra que apresentam o que é a liberdade e estar liberto para o nobre e mísero Túlio.

— Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade. Túlio obteve, pois, por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes. Era livre como o ar, como o haviam sido seus pais, lá nesses adustos sertões da África; e, como se fora a sombra do seu jovem protetor, estava disposto a segui-lo por toda a parte. Agora Túlio daria todo o seu sangue para poupar ao mancebo uma dor sequer, o mais leve pesar; a sua gratidão não conhecia limites. A liberdade era tudo quanto Túlio aspirava; tinha-a – era feliz! (REIS, 2018, p.29).

Os fatores que constituem o conceito de liberdade para Túlio se entrelaçam e formam uma mistura entre imaginário e vivência por este trecho, uma vez que o mesmo acredita

estar livre como seus pais eram na África, ao tempo que realiza uma promessa silenciosa de seguir e servir Tancredo por toda parte. Sendo este último fator uma limitação sua coerente com a sua trajetória, visto que os males da escravidão fazem parte de seu mundo desde o seu nascimento.

Ainda sobre sua nova condição de alforriado:

— Oh! Quanto a isso não, mãe Susana – tornou Túlio. – A senhora Luísa B. foi para mim boa e carinhosa, o céu lhe pague o bem que me fez, que eu nunca me esquecerei de que poupou-me os mais acerbos desgostos da escravidão, mas quanto ao jovem cavaleiro, é bem diverso o meu sentir; sim, bem diverso. Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se deve ter limites a minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento! (REIS, 2018, p.69).

Para Duarte (2009), Túlio faz a figura de sujeito compassivo e imensamente grato a sua senhora por não ter imposto a ele os mais desumanos maus tratos cabíveis na escravidão e a Tancredo por ter comprado a sua liberdade, porém a sua visão de “livre” é ironizada por Preta Suzana e seguida pela sua representação de liberdade enquanto africana em diáspora.

É nesta parte da obra que além de apresentar mais de uma perspectiva ideológica sobre a liberdade para o negro em condição de escravizado que Maria Firmina dos Reis representa mais substancia a africanidade, ao discurso abolicionista e a exaltação da África. Ao ouvir Túlio declarar-se livre, Preta Suzana dialoga:

— Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre?... — Iludi-la! – respondeu ele, rindo-se de felicidade – E para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria. Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos. Túlio olhou-a com interesse; começava a compreender-lhe os pensamentos. — Não se aflija – disse. — Para que essas lágrimas? Ah! Perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste! A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou: — Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio

uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p.69-70).

Os fatores ideológicos sobre a liberdade para Preta Suzana saem da ideia do imaginário como apresentado por Túlio em relação a seus pais e a África, dando vez aos acontecimentos vividos pela africana antes de sua captura para a escravidão. Para a narrativa, Maria Firmina escreve uma sucessão de acontecimentos em sequência para desenvolver a história de Preta Suzana em sua pátria, fala sobre sua família, as belezas de seu país de origem, sua filha, o amor de sua vida e as suas amigas.

De acordo com Zahidé Muzart (MUZART apud DUARTE, 2009 n.p), “é Mãe Suzana quem vai explicar a Túlio [...] o sentido da verdadeira liberdade, que não seria nunca a de um alforriado num país racista”. As lembranças contadas por Preta Suzana intencionam desconstruir a ideia de Túlio que seguir um novo senhor branco seja o auge de liberdade a ser alcançado por sua pessoa, é exemplificando com sua própria trajetória que ela explica ao seu “filho adotivo” que a liberdade lhe foi realidade, porém não é mais. A conclusão do relato de Preta Suzana marca o seu sequestro e o fim de sua liberdade.

As concepções do ser livre enquanto negro escravizado foram apresentadas por estes dois personagens em momentos diferentes da obra. O segundo apresenta uma contradição ao primeiro, marcando assim a intencionalidade em dar diferentes vozes e perspectivas aos seus personagens como sujeitos na narrativa.

Existe uma trajetória na descrição dos personagens que funcionam como fatores direcionadores para as suas ideologias de liberdade, sendo que a ideologia de Túlio marca uma busca por ela, acredita em ser livre e no trabalho fora da posição de escravizado. Já a ideologia de Preta Suzana para liberdade, com base em sua própria trajetória, é marcada pela lembrança dolorosa de sua vida na África e consciência do fim da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exclusão da escrita de afrodescendentes na literatura brasileira fora constituída e fortalecida em preconceitos advindos da escravidão sofrida por esta população no país. A pluralidade e relevância de uma escrita negra e feminina são comprovadas na obra Úrsula de Maria Firmina dos Reis, quando a mesma se fez valer de ideais abolicionistas e denunciadores na criação de seu romance oitocentista. O apagamento histórico sofrido em decorrência dos constructos sociais para com a sociedade de margem, negra, escravizada

etc, serviu como motivação para o estudo e análise da obra, fazendo assim uma defesa da necessidade de maior reconhecimento canônico para Úrsula e Maria Firmina dos Reis.

Analisamos a caracterização dos personagens Túlio e Preta Suzana e o desenvolvimento destes, a fim de compreender as suas respectivas concepções de liberdade dentro do enredo, concluímos que ambos se configuram na obra enquanto personagens negros sujeitos dentro da narrativa. Levantando assim a relevância representativa para a estreia do personagem negro em diáspora dentro de uma obra romanesca oitocentista.

A fuga dos estereótipos de negros literários aproxima a escrita de Maria Firmina aos ideais antiescravistas e racistas, a sua genialidade em ir contra ao racismo e a invisibilidade que era construída na época traz representatividade e resistência escrita de forma persistente e compreensível a todos que leram seu trabalho em Úrsula.

Ao destacarmos trechos da obra que possibilitam um vislumbre da trajetória de Túlio e Preta Suzana, destacamos também os componentes que levam estes personagens a construir e defenderem o seu conceito de liberdade. A busca pela liberdade de Túlio culmina em sua morte, o contentamento sofrido de que não é mais possível viver em liberdade leva Preta Suzana a um último ato de coragem e também a um fim trágico.

Em ambos os casos, a participação dos personagens negros no desenrolar do romance vivido por Tancredo e Úrsula, também fomenta os conceitos de personagens negros como sujeitos da narrativa, visto que desencadeiam papéis fundamentais na obra.

Esse estudo partiu e segue com interesse em analisar o personagem africano em diáspora na literatura oitocentista escrita por Maria Firmina dos Reis assumindo o forte papel de representação enquanto enunciador da sua ideologia de liberdade por uma escrita negra com proximidade da realidade histórico-social.

Desse modo, a pesquisa aqui apresentada é apenas um recorte de uma das inúmeras possibilidades de análise que a obra e temática oferecem para estudiosos das Letras. Desta feita, espera-se instigar novos estudos acerca da mesma.

REFERÊNCIAS

FILHO, Domicio Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, fev./2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 9 dez. 2020.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1976. p. 13-13.

LITEAFRO. Literatura e Teoria da Diáspora Negra das Américas: entre tempos e lugares em busca de lares. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1253-literatura-e-teoria-da-diaspora-negra-das-americas-entre-tempos-e-lugares-em-busca-de-lares>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LITEAFRO. A construção do negro no romance Úrsula. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/318-a-construcao-do-negro-no-romance-ursula-critica>. Acesso em: 28 nov. 2020.

LITEAFRO. Existência e transcendência negras em Memórias da pele, de Elisa Pereira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1140-elisa-pereira-existencia-e-transcendencia-negras-em-memorias-da-pele>. Acesso em: 30 nov. 2020.

LITEAFRO. Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LITEAFRO. Vozes-Mulheres. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/187-conceicao-evaristo-textos-selecionados>. Acesso em: 30 nov. 2020.

LITERAFRO. Por um Conceito de Literatura Afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PAULA, C. D. S. Elementos para pensar a literatura afro-brasileira. Revista Thema, Pelotas/RS, v. 8, n. 2, p. 1-8, dez./2011. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/110>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PEREIRA, Danglei de Castro. Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. p. 7-10.

REIS. Firmina dos, 1825-1917. Úrsula e outras obras [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis. - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. - (Série prazer de ler; n. 11 e-book). Disponível em: <https://livraria.camara.leg.br/>. Acesso em: 19/04/20.

SANTOS, D. S. D; CARVALHO, T. R. D. A representação do negro escravo na narrativa Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Humanidades e Inovação, Tocantins, v. 5, n. 1, p. 30-43, mar. / 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/624>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SANTOS, J. B. D. A literatura afrodescendente de Maria Firmina dos Reis. *Literartes, Manaus*, v. 5, n. 5, p. 184-208, out./2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/105787>>. Acesso em: 23 abr. 2020.